

A PLEBE

PERIODICO COMMUNITA-LIBERTARIO

Sede: RUA BARÃO DE PRAHAPADARA, 4 - Sala 19
Edifício à volta
Caixa Postal, 195 - S. PAULO

ASSIGNATURAS
Anno 10\$000
Número avulso \$100

Correspondência: Redacção — EDGARDO LEUENROTH
Administração — RODOLPHO FELIPPE

LEIS BURLADAS

Nunca é demais repetir os versos de Camões:

Leis em favor do Rei se estabelecem
As em favor do povo só parecem.

Tratando, ha mezza, da lei do inquilinato disse eu nesta columna: 'Todos os recursos legislativos são meiza satisfações. As leis só teriam valor, aqui, se houvesse uma associação de resistencia entre os locatarios.'

E depois, rebolando uma asserção do sr. Heu Machado que defendia a limitação dos lucros como 'repúdio aos conflitos entre capital e trabalho', escrevi: 'Não cessarão nunca. A restrição dos lucros foi uma tangente para illudir, mais uma vez, o trabalhador desconfiado da administração burguesa. Ha mil e um meios de se esquivarem todos ao imposto, sendo o primeiro d'elles o agravamento do preço de venda e a inoração do salario. O unico empecilho a tal maneoja é a organização robusta em sindicatos e federação de syndicatos.'

Poucos mezes tem a lei do inquilinato e já se patentizam os processos, indecentes mas legais, de burla em detrimento dos inquilinos e provento dos locadores. O recurso está no proprio lei. Dentro d'aqueles artigos encontram os proprietarios archoo efficacissimo.

Prohibe a lei augmento de aluguel dentro de dois annos, mas permite, no artigo primeiro, tal augmento um anno'apos, para os alugueis feitos sem prazo estipulado.

Ora, os senhorios, muito mais intelligentes que os miradores, tem sua sociedade de defesa, reúnem-se frequentemente, concertam planos e fazem golpes com revidos poderosos. Estão-lhes, para fugir aos dois annos do artigo 10, não alugar mais casas, com prazo explicito no contrato. A lei mesma presuppõe o prazo de um anno; eis porque, antes de entrar o segundo anno, cuidam logo de elevar os preços.

Reconheço a azafama, a gritaria, o vesunho que a lei viuha acabar e impedir! Estamos vendo o que valtem essas leis! Para amparar os locatarios acude um deputado a propor emenda ao malandado artigo primeiro. A lei é nova e já precisa de remendo! Alargando o prazo de um anno para dois annos, julga o pae da patria haver, segundo se expressa um diário, fulgurado os proprietarios.

Pasmosa coisa a ingenuidade de certos homens!

A nova lei-remento, caros senhorios, quando meojo, alla para 1924, o que pretendem realisar os donos de casas em 1923. Podem os senhorios estar certos, certissimos, de que elles contrariados os juroz dessa ditão para d'elles se cobrarem no momento impopular. Colheirão, em cada, reçoção, uma augmento em 1924 25 que em vez de 20 oje: 'E' tudo legal, emborá immoral.

O vezo do augmento penetrou lundnos proprietarios. Habituarão se no Rio a descarregar nos locatarios todas as despesas de conservação. Foi um dos recursos de exploração em França. Ha reparos que fazer? Logo se en-salam os senhorios a uma elevaçãozinha, sem reflectirem que no montante do aluguel já se incluem, sempre, as paratagens com conservação dos predios. A regra geral dos exploradores é que a renda lra de ser fixa. Querem num anno apurar 20 contos no negocio não quer vel-o reduzido a 18 ou 15 ao anno seguinte; que-lhe accedido, prospera-se para qualquer modo, se lhe advem se a qualquer momento, no presente, precurs compensa-lo no futuro por qualquer meio. As leis são absolutamente luctuosas para impede as exortões. Fazem-se, ao contrario, para inante lra. E mais heil (pois a maioria humana é cega e tola) usurpar legemont. O fanatismo lra goza ainda de um prestigio serio. Com ella os romanos roubaram tanta terra e se commettam boje os maiores atrocidades. A democracia é meamo a flicção da lei, a lei feita lido, a lei dividida pelos experts aos olhos dos pascaicos.

Vocês, meus pobres inquilinos, estão atados de pés e mãos. Vocês são pobres na maioria, não têm dinheiro para comprar terreno e fazer casa; o só direito do necessitado é a resigna-

ção do burro na carroça. Se o chicote é certo e os arreios fortes não vale a pena escolher. Essa resignação pré-ganosa os velhos na escola publica, nos livros, nos livros espiritaes. Pro-mette-se a voz do céu na vida eterna se ficarem bem mansinhos, sem pro-cetos, sem agitações. Os seus repre-sentantes velhinho por voces todos, elei-tores delles, e farão leis culbissimas, defensivas e preventivas. Contem nel-las, esperem, que esperar é bom para locatarios.

Por exemplo: num matinho carioca, um proprietario fanda esperar para o anno proximo. Esperem, que 1923 vai ser o anno mil dos senhorios. Uma des-truição para elles e, para vocês, o suco. Os alugueis vão baixar ha certa, baixar muito, ha certa, tanto que elle pro-prietario está tratando de vender os seus sabrados com medo da miseria. Já se desocupam casas a trea por dois. Os suburbios se povoaam furiosamente, com palacios por uma millaria. Não façam nada, não se mexam; terminado o contracto, o Rio ha de dar força exorbitante. Os hotéis vão reduzir-se a casas de commodos e os proprietarios não de ir ajoelhar-se aos pés dos in-quilinos pedindo pelo amor de Deus que lhes occupem quartos e sudares.

A lei da oferta e da procura (um dos maiores erros economicos) actu-actua vehementemente; os alugueis vão de-cir, tão certo como tres e dois são cinco. Esperem!

E o jornal cantou victoria. Vamos ter um céu aberto neste Rio paradisiaco.

Sina, meus hobos, se contra a lei da oferta e da procura não houvesse a defesa associativa dos capitalistas. Essa lei vigora entre elles capitalistas; não entre capitalistas e não-capitalistas. Se a lei se rompe entre exploradores que desejam conquistar mercados, a abur-tação dos preços faz baixar os pre-ços. Logo, porém, que as condições do mercado não comportam lucra, os ca-pitalistas se congregam, se entendem para juntos impor os preços ao mer-cado. E' o que se dá nos países onde a industria se normaliza. Essa certa exploração, contra a das casas de mo-radia, por sua leição propria a concor-rencia entre senhorios não se dá. Elles não tem mercado que assilar. O en-tendimento é fatal entre elles.

No caso vigente os prognosticos do entrevistado capitalista são confor-tantes. A população que vão do Gene-raria é valente. Occupa quartos, pen-sões; não tomou essas como os vera-deiros de Petropolis, salvo talvez alguns ricasos.

Esses adventicos partirão; não par-tirão, porque a população está com a de 1921, mais vez maior com a aggrega-ção de estrangeiros e crescimento rapi-do do commercio brasileiro.

Suppunhamos todavia que decaesse a população stavel, a tal ponto, que su-perabundem os predios desoccupados. Deque se a renda, dos senhorios, será plausivel que, além da perda com o desaluguel de algumas casas, elles se resignem a abater nos alugueis das du-ras? Evidentemente não e jamais no Rio se deu isso. Os proprietarios tom a sua Associação. Prevendo o mal se reúnem e se conjuram no sentido de não se diminuirem ou melhorar, para compensar as perdas, de se atherem os alugueis. E' o que acontece.

Com a ganancia do capitalismo só existe o meio, provendo e comprando, de associação de resistencia. Unam-se em syndicatos os inquilinos do Rio, como se uniram os de Paris, mandem as leis ás lavas e apellem para a propria força defensiva. Reunidos conse-guam impoer tabelas aos proprietarios; disporem, chamando iminentemente, que não se aumente a renda. Vejam que lição circumta lra vez dar o augmento de ordenados. Esse distribuido a mais alargou as vistas lra exploradores. Tudo vai subir te preço, o funcionarios illudidos, e dentro de seis mezes, a renda commo o de hoje, se vai deram, com a não direc-tiva, mais 50 oje de ordenado, vos trarão, a esquerda, outro 50 ou 60 por cento. E' historia velha.

JOSE OITICICA

'A Plebe' em Netheroy é encontrada nas seguintes associa-ções:
Liga Operaria da Construção Civil
Grupo de Propaganda Social.



O symbolo da civilização burguesa

Lamentavel

Os depachos do Rio Grande do Sul occupam nestes ultimos dias um lugar de destaque no serviço telegraphico dos jornaes e isso em consequencia da disputa travada naquelle Estado sulino entre dois grupos de polli-queiros para a conquista da tela gorda do poder.

E' a repetição, sedida da comedia desengañada que de tam-po em tantos annos é represen-tada ora num, ora noutro ponto desta famosa republica de sátra-pas e mandarin de pechisbe-ques.

Exhibe-se agora, na terra gau-cha, a mesma lra escabrosa apre-sentada, ha pouco, no tela do cinema nacional, tendo como protagonistas individuos que mi-tuamente se denunciavam como tudo aquilo que de mais rétes ha no lodagal da politticalha.

E, por isso mesmo, porque que cargas daga está A Plebe a oc-cupar espaço com coisa tão pou-co limpa? — indagar-se-á.

De facto, nada temos e nada tem o operariado com a polli-cagem. Assim, porém, não en-enderam alguns operarios da ci-dade do Rio Grande, que distri-buiram um bofetim de apoio a candidatura do dr. Assis Brasil á presidencia daquelle Estado!

Nesse bofetim os alludidos tra-balhadores (sel-o realmente?) talam em lutar 'com fé no resul-tadonos nossos ideaes', em 'criar de uma aurora de novas epi-ranças'.

E tudo isso se resume nesta coisa chatissima: eleição de um politico vulgar para a presidencia do Estado!

E' doloroso constatar-se uma tal manifestação de inconsciencia da parte de trabalhadores quando o mundo se convulsiona com a eclosão do problema social em sua mais radical accepção.

Estamos certos, entretanto, de que esses operarios não tardarão a se convencerem do erro praticado, pois facil lra será ver-ificar que, esteja A ou B no governo, o operariado terá que lutar por si, unindo-se e agindo directamente contra a burguezia e o Estado para conseguir liber-tar-se da tyrannia dominante.

VIDA LIBERTARIA

No Paraná

Em Curitiba continúa em actividade o grupo libertario que tomou por nome 'Os Amigos d'A Plebe'.

Embora não seja grande o numero de companheiros que o constituem, a sua acção desenvolve-se com bastante proveito para a propaganda, esforçando-se por orientar o movimento asso-ciativo do operariado, entre o qual procura difundir a im-prensa libertaria.

Entre os camaradas desse grupo curitybano reina a maior cordialidade, lendo-se em con-juncto toda a correspondencia expedida e recebida.

Sobre a organização libertaria

Em 15 de outubro, realizouse no Rio uma reunião de milittantes. Como me encontrava naquella cidade, a ella fui alludido pelo interesse que me despertam todas as iniciativas relacionadas com o nosso movimento.

Nessa reunião, devota lra, o camarada Carlos Uze, que por a' abar in-ferno, não pode comparecer.

Em vista disso, tomou o preliava o camarada Var, que depois de discorrer sobre assumptos palpáveis de nosso movimento, convidou o camarada José Oitica a lempar lra.

Accidento ha contive o camarada Oitica Uze que aproveitou a occasião para explicar porque, desde lra algum tempo, se abstinha de tomar parte activa no nosso movimento. Embora andas-se sempre esboçando pelo trabalho, não se dedicava a isso, como toda a actividade que podia. Entretanto, com o gosto constante que alludiamos os resultados objectivados para o desenvolvi-mento da propaganda libertaria, não correspondiam aos esforços despendidos pelos milittantes que continuavam a lu-tar.

Atribua essa anomalia ao lra des-privativo que nos ultimos annos tem sido julgado a propaganda do anarquismo entre nós. Julgava, pois, necessario e urgente a coordenação dos esforços dos nossos elementos, o desenvolvimento de uma acção mais methodica, mais orga-nica, por-meio da organização dos lib-ertarios.

Para que, porém, essa organização tivesse uma vida de facto, de execução efectiva, entendio que a constituição dos grupos devia corresponder ao necessario senso de responsabilidade, de-videndo os seus componentes lra animados do espirito de auto-disciplina, sem o que não pode haver a organização por mutuo accordo, tornando-se muitas vezes as resoluções tomadas voluntariamente.

Não acceptava a disciplina dictada por um poder central, mas sentia lra indispensavel para a efflicacia da acção dos grupos anarquistas a regular execução dos compromissos assumidos pelos seus membros sem coação de especie alguma.

Para o desenvolvimento dessa obra estava disposto a continuar a trabalhar na medida de suas possibilidades; não se sentia, entretanto, animado a conpre-ender o seu excessivo tempo, a des-afecção e o sacrificio de sua situação sem a perspectiva de resultados praticos para a nossa obra.

Foi o que disse, em linhas gerais, a prezencia de companheiros, o camarada José Oitica.

Tambem fui convidado a dizer qual-quer, o que lra, sustentando, como o camarada Oitica, a necessidade de co-ordenação das actividades dos libertarios por meio de uma organização methodica, methodica de responsabilidade in-dividual.

Occupando-se do que se passou, nestes reunio, um collaborador do 'A Voz de União' procura divirtar o que eu disse.

Comentando as considerações, re-gistradas a seu modo, do camarada Oitica e as minhas, o alludido alludiu, lra diz o seguinte:

'Estas affirmações de Oitica, que, do antigo acco ou infor de Trigueiras, de detarar meojo, assim como me do camarada Egojo, que quer de-mostrar ser uma lração o individuo deixai de fazer o que se lra compromettido fazer, mesmo que esse indivi-duo declarasse não estar maliz de acor-do com o acto, ou coisa que devéria realizar.'

Sabem todos quantos tomaram parte na reunião que eu não alludiu lra.

Apezar de lra, ter lraçado diploma na bastante autor do antigo, sinto-me necessariamente identificado com os principios libertarios para pretender que a lra-chista seja obrigada por anarchistas a fazer uma-determinada coisa, com a qual já não esteja de accordo.

Isso é tergiversar, é forcer as minhas expressões com a preocupação de exer-cer uma critica estereotypante.

Leombo-me perfectamente do que di-ze e que continuo a sustentar serene-mente.

Afirmo que a organização anarchista não passará de uma coisa luctiva, de vida nominal apenas, se ou que a con-stituição não tiverem bastante respeito a si mesmos para pôrem em execução

aquilo que resultar dos acordos toma- dos livremente.

E não é isso verdade? Póde existir sem a consecução dos fins para os quaes a organização e cons- tituição? E quem deve pôr em prática as deliberações assentadas? Os indivíduos que a compõem, inevitavelmente. E se es- tes indivíduos se equivalem ao com- promisso do dever que voluntariamente se assumiram? A organização deita-se em condições de vida, vege, morre.

Tudo isto é claro, como a luz me- dia-na, enquanto se com o mais comedido bom senso.

Esforçando-me para robustecer as mi- nhas considerações, apresentei exemplos de simplicidade escolar.

Seria fiassante enumerar os pontos-razão. Ocorre-me, porém, agora, um bem característico.

Exemplifiquemos. *A Plebe* é uma in- itiativa anárquica. Deve sair, presente- mente, todas as semanas. Para ser pu- blicada é necessário que os originários estejam na typographia para determiná- lo; ou que se retirem as provas para serem resultadas competentemente re- visadas no tempo devido; que se guie a paginação, que se faça a remessa in- stantaneamente.

Para a execução desses trabalhos as- sumimos compromissos varios com- pletos. Foi um compromisso volunta- rio, tomado livremente por mutuo ac- cõdo. Ninguém nos obriga a cumprir- o. Mas nós o cumpriremos. Porque? Porque somos dignos, como os outros, de tam- bém animados pelo senso de responsa- bilidade, esforçando-nos por correspon- der a confiança depositada em nós; por- que temos escrupulo em prejudicar os es- forços de outros companheiros que, de maneiras diversas, trabalham pela mesma iniciativa.

Quer isto entã dizer que sejam os obrigados, sob pena de passar por tra-idores, a estar effectivamente sujeitos a esse compromisso? Certamente que não. Se um dia, por um motivo qualquer, eu não me sentir mais ligado à obra do jornal, procedendo como anarquista, farei tudo isso aos demais camaradas, dis- cendo-lhes:

— Olhem, companheiros, doravante não posso (ou não quero) mais partici- par de iniciativas que nos ligam. Vocês fazem de mim substituto.

E prometto, estarei eu livre de com- promissos e os meus companheiros habi- litados a prosseguir com a obra que con- tinuam a julgar útil.

Isso não é anárquico? Pelo que co- nheço do anarquismo parece que sim.

Agora, dahi a lã, um detalhe, a desproporção de forças, falsamente como se nos machucasse, é a grande distorção.

Que um individuo que livremente as- sumiu o compromisso de executar um trabalho, accetto voluntariamente, de- ze de o fazer para pôr em pratica uma iniciativa que depois achou mais acertada, contendo-se, mas que falte no prometido espontaneamente por abandono, sem que um motivo superior o determine, pretendendo abrogar-se um falso principio de autonomia, é que não sou, talvez, bastante anarquista para justificar...

EDGARD LEUENROTH

A PLEBE, no Rio de Janeiro, precisa não ser esquecida...

Os camaradas que têm dinheiro em seu poder, tanto da venda da *A Plebe* como de bilhetes da rifã já extrahida a favor desta jornal e de *Unidade Nova* e dos folhetos «Nós e os ou- tros», devem procurar-me para liqui- dação de contas.

Preço para o entrega de que es- teio incumbido a um certo camarada, e por isso é que quero desobrigar-me de qualquer responsabilidade.

Procurar-me, por isso, às segundas feiras, das 19 às 20 horas, nos Sapa- teiros, e às 3a, 4a e 6a, das 18 às 22 horas, na Construção Civil.

MARQUES DA COSTA

O festival dos Sapateiros

No dia 25 do corrente, às 20 horas, no "Salão Ceilo Garcia", será realizada a festa da "cader- netta", assim chamada por só ter ingresso os socios da União que apresentarem a caderneta em dia com a theozoraria.

A festa obedece ao seguinte programma:

- 1.º — A Internacional, Hym- no dos Trabalhadores e hymno do Lo de Maio, pela orchestra.
- 2.º — Conferencia pelo ca- marada Edgard Leuenroth.
- 3.º — Será representado o drama social em 3 actos, da la- vira camarada Avelino Foscolo, intitulado: *Os Semeadores*, sob a direcção do camarada Francisco Cusco.
- 4.º — Baile familiar.

O pretensão congresso dos operarios em fabricas de tecidos

Fala-se e annuncia-se para breve a realização de um con- gresso dos operarios em fabri- cas de tecidos. E, a primeira vista, parece a cousa mais natu- ral do mundo. Numa época em que os congressos se reali- zam a propósito e despropo- sito de tudo, nada mais natural, que os operarios tentem proce- derem tambem um meio para se reunirem em magna assem- bleia para tratar dos seus inte- resses, discutir as suas neces- sidades e os seus assumptos. Trocar impressões sobre a mel- hor maneira de conseguir ad- quirir os melhoramentos a que fazem jus, organizar a resis- tência à onda de exploração burguesa e capitalista. Firmar e extrair por todos os modos as laços de solidariedade entre todos os explorados do tear de todo o Brasil, para melhor se defenderem dos botas da bur- guesia exploradora.

O caso, porém, muda muito de figura. O futuro congresso foi sugerido, é amparado e sus- tirado pelos patrões da America Fabril e todos os trabalhos preliminares estão sendo pro- movidos por seus asscaes, por seus apunhados, por seus em- pregados de confiança: directo- res, gerentes, mestres, contra- mestres e cateres.

Trata-se, pois, de um bluff monumental, de uma cilada preparada por patrões a indu- stria contra as regalias adqui- ridas durante annos de agita- ção e que culminaram na con- quista das 8 horas e nos conse- quentes aumentos de salarios, que atingiram a cifra de 60 por cento.

E, portanto, um trabalho de pura mystificação, contra o qual todos os trabalhadores em fabricas de tecidos se devem prevenir.

Os patrões estão com um de- sejo louco de acabar com as 8 horas. Não querem, porém, tomar a iniciativa de as matar por um gesto autoritário e des- potico. Procuram, portanto, man- carar os seus maneios, lançam mão de compromissos, de rō- deios, de insidias. Promovem a realização de um congresso onde esperam poder fazer ap- provar, sob ameaça e pressão, as resoluções que lhes agra- dem, de maneira a aniquilar- em todas as conquistas e rega- lias adquiridas nestes ultimos annos.

Eles querem attentar contra esse sagrado horario das oito horas. Mas não querem arcar com a responsabilidade de tão infame e injusto gesto. Querem, nesse caso, inspirado seus as- scaes, indubitavelmente, engoda- dos e talvez comprando os de- legados de suas fabricas ao di- to congresso, que os propo- zedores trabalhadores propozi- am, e approvam a alteração do horario para dez ou doze horas por dia, quem que os pretensos representantes opera- rios, adreos preparados, teco- nheçam, decajam e proclamen a necessidade de augmentar a produção das fabricas.

Falta, approvada e sancio- nada, tal immoralidade, e os pa- trões estabelecem um horario mais dilatado.

Quando os operarios se insur- jim ou reclamem contra essa innovação perniciosa e nociva, os patrões responderão: — Não temos a culpa. Os vossos pro- prios representantes reunidos em congresso resolveram, que as 8 horas eram prejudiciaes as necessidades da produção nacional. Nós estamos, segun- do a opinião e as resoluções que assentaram e a que che- garão.

E isto sem tirar nem pôr. E as theses que o supposto con- gresso se propõe discutir, apre- ciar e debater, são um simples derivativo, um simples agêdo, uma miseravel isca para illudir e embriagar os pobres traba- lhadores. Se os patrões quere- m beneficiar os seus assalariados com algumas melhorias, não precisam reunir-se em congresso, nem precisaríamos esperar tanto. Deem-lhes o que puderem e o mais depressa possível que elles bem precisam, pois vivem-se doitando na mais cruel das agonias, na mais es- treita das necessidades.

Mas elles não querem dar nada. Querem, pelo contrario, tirar tudo. Elles querem fazer cair, baquear a tombar as 8 horas e, em troco disso, pro- mettem mundos e fundos. Ca- ladas as 8 horas, espelularão os operarios o mais que puderem e as promessas de hoje serão assuadas, arrumadas, renegadas. E mutualismo, be- neficentismo, cooperativismo à custa dos operarios já elles o fazem ha muito tempo. Os operarios não precisam pagar antecipadamente medico e xre- padas para quando adoecerem. Precisam mas é evitar a doen- ça, começando um alimeato sa- do, substituição, morando em casa hygienica, arejada, iluminada, produzindo conforme suas for- ças e não até ao excesso, a fa- diga brutal, como hoje aconte- ce, vestindo roupas frescas no verão e quentes no inverno, vivendo rodeados de bem estar, de conforto, de alegria.

El disto que o trabalhador precisa. Promessas vagas, fu- ma, nuvens, conversa fiada, ap- pellos a um nacionalismo ves- go e a um jacobinismo feroz, são lérias de que o trabalha- dor já está cansado e que não lhe modificam para melhor sua degradada situação.

E a prova capital da má fé com que essa gente procede está no esboço de um proposi- tal das Unioes dos Operarios em Fabricas de Tecidos, genui- nas representantes do operaria- do textil, que sempre se manti- veram vigilantes, na defesa dos seus legitimos direitos e reivin- dicações e as quaes se devem os melhoramentos obtidos, que tanto beneficiaram a classe.

Ao mesmo observador reve- lam-se os propositos mesquin- hos, baixos e odiosos dessa cambada promotora do dito congresso. Ve-se que elles pre- tendem attentar contra tudo que as Unioes dos Operarios em Fabricas de Tecidos tem conseguido: as suas regalias, o augmento do salario, o horario das 8 horas e especialmente a sua maneira de luta, a acção directa, a ausencia de interme- diarios, o syndacalismo opera- rio revolucionario, a luta de classe sobre tudo.

Ha uma conspiração, uma cannoira, organizada ou um vias de organização, cujo unico fim e escopo é desactivar o mo- vimento operario syndacalista e libertario, esta independencia operaria que se não quer prestar a servir de escaudo para os ex- ploradores economicos e politi- cos subtr, trepar, burlar, dir- Kir, gozar.

Desnunciamos esses maneios, desmascaramos esses bilhetes, despertemos a consciencia pro- letaria para que se precavonhi- contra todos esses embulhões aquerosos que só visam a fun- da, o descredito, a queda do mo- vimento operario revolucionario, para prolongar por mais tempo o predomínio burguez, o predomínio dessa cambada de parasitas, de sugadores do san-

que proclamarão, de zombadores e de vagabundos economicos e in- penitentes.

Trabalhadores em fabricas de tecidos! Prevedei-vos, contra essa cilada que vos quer assal- tar a vida e a liberdade. Chegou a hora de mostrardes a vossa tunica desmentida valentim! Desmascarai os tartufos.

DEMOCRITO

Os bolchevistas

Empenhados em firmar o seu partido e como pela sua frente surgem os seus companheiros de honrem — os anarquistas, os neo-communista do Brasil têm evidentemente, por principal escopo desprestigiar a acção libertaria. Julgavamos senão natural pelo mesmo explicavel tal attitude da parte dos bolchevistas de outros paizes, em virtude de sua origem socialista. Parecia-nos, entretanto, a nossa boca fé é illudida... que isso não era de esperar dos *terceristas* cá da terra, que até a pouco tempo militavam nas fileiras anarquistas, sustentando a mesma obra por nós hoje, como honrem, como sempre sus- tentada.

A nossa previsão foi desace- rada. Os communistas do Brasil estão atacados da mesma phobia anti-anarquista que caracteriza a acção de seus correligionarios de toda a parte.

Mais uma demonstração disso foi dada pelo ultimo numero do «Movimento Communista». Nelli apparece um artigo intitulado «Do sectarismo à contra-revol-ução», subscripto por João An- drade, em que mais uma vez se assaca contra os libertarios a ten- dencia, o desleal e, além de tudo, sediz insinuação de que os anar- chistas fazem obra contra-revo- lucionaria porque discordam da organização autoritaria, estatista e centralista dos bolchevistas, or- ganização que sempre condemna- ram desde que o anarquismo tem existencia.

Então, só porque do periodo actual da revolução resultou a constituição de um Estado mol- dado nesses falsos principios, os anarquistas deveriam mudar de attitude? Pode-se honestamente classificar os de anti-revolucio- narios porque continuam a susten- tar os seus principios federalistas anti-autoritarios, em que se funda o seu corpo de doutrina, até hoje ainda não desmentido?

Claro que não, e quem o faz não procede com correção, mor- mente se se trata de antigos anar- chistas.

A malevota accusação lançada contra os anarquistas vai, de ri- chquete, ferir os proprios com- munistas, que tambem poderiam ser apontados como contra-revo- lucionarios quando agiam contra a organização kerenskiista, consti- tuida durante a revolução russa.

A tal ponto chega a paixão dos communistas que os arasta a actos de deslealdades vulgares. Provenom O artigo publicado com o nome de João Andrade apparece no jornal comunista de Buenos Aires «La Internacional», sendo seu signatario o mesmo Andrade, mas com o João em cas- telhano — Juan.

Em seu libello inconsistente contra os libertarios, Juan plene-ja certo numero de jornaes que elle diz servirem de vehiculo de distrahies e deavoros *contra a Rus- sia*. Em «La Internacional» não figura *A Plebe*, que o «Movimento Communista» teve o cuidado de incluir, para nos ferir por tabella! Registremos como mais uma prova da lealdade dos neo-communistas do Brasil, antigos anar- chistas que hoje se servem dos mesmos processos burguezes da obra ingloria de pretendo des- prestigio do anarquismo.

Edgard Leuenroth

Sobre o livro de Mauricus

Com este titulo, Astrogillo Peres tembe: rebatido pelo «O Internacional» as lérias misticas, mystificas e mystificadas de Mauricus de Maucius. Die effe que tambem tem o livro e que o sclaria «um livro de terceira ordem, inferior pelo modo e pelo modo de má composição e por methodo. Não ad- mite Astrogillo, depois que abundam as doutrinas anarquistas, para se esca- com asmes e baguettes para o bolche- vismo, a quem admitta é propoz inco- nscientemente, applaudir não todos os bolchevis, todas as attitudes e justificando todas as insinuações de treuções, dis- cussões de toda a natureza, e todo, mas mais que não chege a punt, e genuflecto bolche- vista, classificar de inferior, de terceira ordem e quejadas causas.

Ora, eu attendo ao livro de Mauricus um valor extraordinario no que se re- fere a copia exacta de informações, fup- das e passagens, e certo, mas mais que não se pôr a fazer uma lista de con- teudo de cada bolchevista em que se- zem as populações indelicadas que im- mense tentam. Não me refiro a parte litteraria, decerto, mas, leia-o agora.

O livro e escripto numa forma sim- ples, acessivel, desprocurada de sci- sa litteraria, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era livre li- zel-o em geral os sem corre os mais perigosos riscos, como comprometer a sua consciencia e honra, e a honra de sua littera, despende-se um tom de sinceridade, que não resta duvida signi- ficativa que o autor só escreve o que viu, e que pode guardar e referir em sua plu- re, porque documentos não era

O caso Sacco e Vanzetti

Mais elementos para a historia infame com que a burguezia conseguiu condemnar esses companheiros.

Porque Andrews desmaiou na audiencia?

Mrs. Andrews declarou que Mrs. Andrews lhe disse que tinha desmaiado porque o advogado deensor ha pagina por pagina a historia de sua vida passada, e ella temia que trouxesse a luz a questao que teve com o senhor Sanders. Sanders, declarou Kurlansky, e um official da armada. E ta testemunha continuou dizendo que Mrs. Andrews lhe tinha dito que ella não podia identificar os que ella vira em Braintree, mas a policia queria a qualquer preço que ella identificasse algum no carcere de Dedham, mas ella não o podia fazer, porque não lhes tinha visto a cara.

Kurlansky apresentou-se voluntariamente para prestar declarações a defesa, quando leu na imprensa diaria a declaração falsa de Andrews e a identificação positiva que ella fez na audiencia.

O policia George Fay testemunhou que elle tinha entrevistado a Mrs. Andrews, em fevereiro de 1920, sobre o alegado assalto no relete e quando este lhe perguntou si ella creia que o assalto podia ter alguma relação com o assumpto de South Braintree, ella respondeu que não podia identificar os autores daquelle crime, por não se ter fixado bem nelles.

Alfred Breeque, secretario da Camara de Commercio, declarou que elle lhe tinha dito o mesmo com referencia a este assumpto.

Miss Lena Allen, em cuja casa Mrs. Andrews tinha habitado, garantiu que esta tem boa reputação de embaixadora e acrescentou que nunca mais a admitiria em sua casa.

Ao apparecer em grossos caracteres através da imprensa diaria de todo o paiz, a declaração jurada que a merecz Lota Andrews prestou perante o juiz de paz Benjamin F. Lowell, causou tal sensação na opinião publica do paiz que houve periodicos dos mais classicos da burguezia que pediram a justiça de classe a prisão do fiscal e seus complices, para serem immediatamente julgados por frustado homicidio. Entre outros, o Boston American num extenso editorial expressou-se nos seguintes termos:

«Algo que poinha em duvida a certeza da culpabilidade do homem proximo a ser executado por um supposto delicto deve ser um horrivel pesadelo na consciencia da comunidade, referente ao arrebatrar a vida humana, que nem as artes, nem as sciencias podem restabelecer, um vez cometido o crime. A confissão da mulher que identificou a Sacco e diz ter mentido durante a declaração na audiencia, devido a assereções, ameaças e intimidaciones, para obter sua declaração com methodos de terrorismo usados pelo fiscal e seus sequazes, é uma confissão terrivel.

Si ella não é louca, o fiscal e todos os seus subordinados devem ser presos e julgados por frustado homicidio. Thomaz Mooney, em São Francisco, livrou-se de ser assassinado pelo fiscal ao serviço dum grupo de grandes negociantes conspiradores. Foram as confissões das mesmas testemunhas, que o accusaram antes, e as novas evidencias achadas as que salvaram a sua vida da forca.

E agora de todos conhecido que um grupo de anarquistas, em Chicago, foi, não faz ainda muitos annos, executado sob falsos testemunhos e outras spivosas fajas e insufficientes. Alguns del-

les foram salvos pela enérgica attitude do Governador Allgeid. Cobardes perseguidores buscam notoriedade a expensas do pobre, perseguido por suas opiniões radicais em todas as partes, olvidando-se que as opiniões que hoje accentuamos foram as opiniões dos radicais de hontem, e que os apóstolos de todas as reformas agravas do progresso humano foram sempre os radicais os que primeiramente alçaram suas vozes. E de todos conhecido que naqle beneficiou a Sacco e Vanzetti o facto de serem conhecidos radicais. A nós informaram que os representantes da imprensa local, que assistiram ao processo, homens praticos e de experiencia, todos acceitaram — excepto um dos periodicos, que mais odeia a classe trabalhadora nesta cidade — que os elementos de provas apresentados pela accusação não justificam o veredictum de culpabilidade.

Parece inacreditavel que taes coisas occorram entre nós, em Massachusetts, mas de qualquer maneira o valor da declaração desta mulher fica destruido e o governador deve rever delidamente todo o processo.

O povo deve meditar mais uma vez se se tem o direito de suprimir a vida humana quando as humanas provas são tão incertas. A lei do Talião — olho por olho e dente por dente — perlece das idades mais remotas e obscuras, do que nós, pretendemos seja a nossa.

E agora perguntamos nós: Quanto tempo mais vão continuar nossos companheiros na prisão? As testemunhas que os accusavam declararam terem sido obrigadas a mentir; através-se a esta burguezia vil a supprimir a vida destes dois irmãos, depois de verter exposto a luz publica a a infame conspiração ardida contra elles?

Que dirá agora o conspirador Kalmán ao comparar a ultima declaração de Lola Andrews com as palavras textuais de seu argumento final ao jury? No volume 9, pagina 3682 do processo do processo le-se: «Uma enorme responsabilidade recae sobre o perseguidor que apresenta uma testemunha cuja declaração tende a provar um homicidio. Elle pode pensar bem. Elle deve pensar muito e deve ter sempre a sua intelligencia e a sua consciencia claras antes de pôr o sello de approvação como uma testemunha credível antes de principiar a depor sua declaração para provar a culpabilidade dos homens, que a sua provada, resultará sua morte».

E aqui temos a Lola Andrews. Levo nesta officio, senhores jurado, mais de onze annos, e não me recordo de durante este tempo, de não prolongado serviço ao patrimonio da Republica, nunca ter visto testemunha tão credível e tão convincente como é Lola Andrews. Volume 9, pagina 3736.

Em Piracicaba

Por informações que tivemos ha dias, sabemos que nesta cidade o movimento anarquista está de todo extinto.

Um bom grupo de companheiros continuou trabalhando na secretaria de ideias entre o povo, e os nossos principios são bem accetos e muito mais o seram se não fora os caeiros sacados de analfabetismo e dos vicios injuriantes ali, como em toda a parte.

DO PERU

Reacção burgueza

Informamos uma camarada residente na republica dos incas que um hemendo vendeval reaccionario-capitalista-governamental se desencançou sobre os trabalhadores organizados e contra os idealistas libertarios, com o fim de reprimir as aspirações do proletariado.

A banha reaccionaria chegou ao ponto de impedir a circulação das publicações de carácter ideologico, prendendo muitos militantes para impedir que com sua obra seja perturbada a digestão lenta e socogada a que já se não acostumado todos os exploradores do trabalho alheio.

Lá, como aqui e como em toda parte, o poder só se pode sustentar empregando a violencia para a defesa de seus privilegios odiosos.

Aos camaradas do Peru a nossa solidariedade.

A exploração dos menores

De ha muito que os militantes proletarios protestam contra a exploração infamissima a que estão sujeitos nos erga-tulos industriais os filhos do povo.

A essa campanha altamente humanitaria respondem as autoridades com violencias de toda a sorte e a grande imprensa com torpes insinuações e calumnias.

Agota, porém, com o horrivel caso do menor estragado pelos cães da fabrica Pentead, a directoria do Serviço Sanitário lembrou-se de que ha leis prohibitivas do emprego de crianças na industria e multou em 1.000\$ a Companhia Paulista de Ania-gens.

Que ironia! Esse misero conto de reis, multiplicado por milhares centenas, sera reconquistado pela empresa no roubo ao esforço dos menores.

Comitê Pro-Flagellados Russos

Explicação necessaria

Os membros do Comitê Pro-Flagellados da Associação de Favelas-Centro vim pela imprensa scientificar a todos que se interessarem pelo resultado da nossa accção auxiliaria dos famintos russos e aos nossos camaradas em geral, que não temos nenhuma ligação politica com os adversários do desobediencia da Rússia, tendo o nosso gesto uma significação apenas de *solidariedade humana*, que achamos muito justa e sem a qual não chegaríamos nunca ao ponto de vista anarquista.

É claro, que o projecto de primeira phaza de nossa propaganda de angariar donativos para os famintos russos foi enviado ao camarada Astorjildo Pereira, tendo este mais communica a recepção ha importância enviada, acrescentando já que não sendo enviado para a Alemanha, com mil marcos em janeiro do corrente anno.

Ultimamente, no mez de setembro, re tivemos mandado o producto da segunda phaza da nossa actividade philantropica, encerrando tambem o cyclo da vida de Comitê, tanto por falta de incentivo ao meio em que agimos, em que se ignorava absolutamente o que se passava no Rio e ali respeito.

Contra a Perpetuidade do erro e da Mentira

Antagonismo entre educação e precaria situação economica do proletariado por

CARLOS DIAS — Rio de Janeiro, 1920

Este nosso incansavel camarada, um dos mais antigos e adestrados militantes do nosso meio syndical e revolucionario e, sem fazer nenhum dos mais esbaldados entre o proletariado aniquilado do paiz, acaba de publicar um livro de 160 paginas, onde aprecia os pontos educativos das cautas governamentais no alan de alphabetizar a população ignorante do Brasil.

E uma critica sadia e certera contra os methodos, programas e regulamentos em que se enca a educação burgueza, facultada aos filhos dos trabalhadores e que outro fim não tem, nem vi-são fazer mais a differença de classes, a divisão de castas, a desorganização, a infeluzante, não é, conciliar o inconciliavel: que os pobres achem muito justo e racional que os ricos, os potentados, os governantes comam até a saciedade, até a indigestão, enquanto elles não têm nem o mais indispensavel a sua existência.

Que os pobres se contornem e se satisficam com se, explorados despadidamente, eternamente, deixando aos ricos, aos burguezes o excedido de os governar, de os dirigir, de os educar, para mais facilmente lambem a mão que os azoagae, e para não serem pacientemente submetidos aos caprichos e aos arbitrariedades e hamisarios golpes, protectores e benemeritos conselheiros. A educação tornada instrumento de exploração, a escola tornada ante-sala de esteratização e de castas. A instrução tornada engrenagem criadora e geradora de futuros generos de fetores escaravos, de futuros militares e pruzias.

E não pode deixar de ser assim. A burguezia cria as instituições proprias e aptas a alargar o seu predomínio, a tempo a sua moral; a escoras e prolongar indefinidamente a posse plena de todos os generos, honras e poderes, de que desfructua acoustumado.

A burguezia pratica como é o coumo julga ser, não dá ponto sem nó. E esse cambio pela escola leva agua no bicco: é uma cidade vergonhosa, concubina a um sistema odioso. Elle com-probado que, por meio da escola, poderia plesmar o espirito das crianças a sua imagem e semelhança, segundo as suas ideias, a sua moral e, especialmente, segundo os seus interesses. Numa idade em que os crechens infantis estão sendo empregados e em que se gravam indelévelmente nelles todas as impressões recebidas, a burguezia applicando-se das crianças pela escola, garante-se o futuro, prolonga, pelo menos o seu predomínio, formando da infância de hoje os automatons que, amanhã, a serviço de tal ou de tal negocio, officinas e defendendo, como soldados, nos campos de batalha, batendo-se contra um inimigo que não conhece e que nunca os offendeu.

Haveria, pois, necessidade urgente de os trabalhadores nestes emancipados, ao menos, lutarem as suas crianças a esta engrenagem de exploradora e embutecida que constitue a escola actual burgueza. E, para isso, seria necessario a fundação de escolas operarias, racionais, modernas, onde as crianças fossem galdas e fossem despertadas todas as suas facultades, orientadas para uma moral pava pelo facto experimental, fazendo constante apello a sua actividade, a sua consciencia, ao seu permanente desejo de movimento, em constante bulicio, brincado, cantado, aprendido, trabalhado. E Carlos Dias temba a possivel criação de um nucleo educativo que deca vida a este sonho, que tornasse realizable esta aspiração, que tornasse pratica esta theoria.

Os honrosos corações, de iniciativa e de saber, têm a palavra. Seja uma experiencia desceiva. E a seu exito de proficua de capacidade de trabalho, da competencia pedagogica, da vastidão de saber e de recursos intellectuaes de seus promotores.

Entim, é um livro cuja leitura acaba selho a todos os trabalhadores para que pesem e assimilem e compreendam seus ensinamentos, e, mais que isso, para que ponham em pratica em suas casas e nos seus syndicalos aquilo que lhes pareça mais proprio ha a actualidade de um ciclo. Qualquer homem de boa vontade, mesmo sem saber litteralmente, pode exercer influencia benéfica na mentalidade de seus filhos e de seus companheiros menos desenvolvidos. Explicando, corrigindo, emendando, estimulando. Ao Autor, uns abraços.

PINHO

"Remember"

E como foi distribuido um bello folheto boletim distribuido em Poço de Caldas por um grupo de idealistas por ocasião da passagem do anniversario do assassinato de Francisco Ferrer.

A PLEBE

No Rio Grande

Esta cidade do Estado do Rio Grande do Sul, onde impera um positivismo *suave*, registrou dentro em breve, um acontecimento de alto lá, com elle. Trata-se nada mais, nada menos, do fundação de um *partido operario*!

Aponta-se como seu orgarizador um pequeno burguez que, provavelmente, por não se sentir ainda bem, accomodado na vida, entendeu poder conseguir o alvorando-se em *salvador* do proletariado.

Veremos que tal nos sabirá o railinho que a montanha está a parir em parto laborioso...

No meio operario constata-se um facto nada benéfico para o desenvolvimento da nossa causa. Quando ainda sentimos os effeitos da brutal reacção dos taes nacionalistas que assallaram a sede da Federação Operaria, a discordia vai sendo alimentada pela discussão azeda entre os periodicos obreiros locais *A Voz da Estiva*, orgão dos Estivadores, e *Nosso Verbo*, orgão da F. O. Quem de facto está identificado com a causa proletaria não pode deixar de lamentar essa attitude, que só poderá prejudicar a boa harmonia que deve reinar entre os trabalhadores na luta contra o inimigo commun o — o capitalismo.

(Do correspondente)

Munições para "A Plebe"

Lista n. 53, a cargo de Antonio Dominguez, Estação de Prata: A. D., 28; P. Torres, 14; L. Barros, 15; A. Ambrosio, 18; V. Santos, 16; D. Ferraz, 18; S. Gilbeto, 15 e outros, 28. Total: 105000

PACOTEIROS

Para os numeros 194 e 195: Romero, 18; Aroca, 28; Pina, 28; Leonardo, 58; Cordon, 18; Ferrinho, 38; Mario, 18; Loureiro, 18; Lucas, 38; W. Ferraz, 18; Simião, 58; Teixeira, 58; Matias, 38; Zapparello, 18; Laves (Amparo), 28; F. Tomelck (R. Pira), 18000; D'O molito (Rio), 58 e Ardanau, 18. Total: 305100

PACOTES DE ASSOCIAÇÕES

O. Sem Patha, Sorocaba, 100; G. Regeneração Social, 85000; U. dos Canteiros de S. Paulo, 102900 e Syndicate dos Canteiros de Santos, 208. Total: 478800

LISTA DA ADMINISTRAÇÃO

Engenheiro, 68; entre snagos de Guararapes, 58; um chapeleiro, 1700; Ricci, 38 e A. Silva, 58. Total: 109700

Nosso balancete

ENTRADAS

Saldo do numero anterior 389600
Contribuição do Syndicate dos Canteiros de Lagedo para o numero especial 50000
Lista, entre os camaradas de Lagedo para o numero especial 618700
Lista 53 da Est. Prata 110000
Pacoteiros avulsos 908100
Pacotes de associações 478300
Lista de administração 192700
Total 3168200

DESPESAS

Fatura do numero 194 200000
Fatura do numero 195 130800
Sellos para expedição dos dois numeros e correspondencia 264500
Deprechos e registados 118200
Comim e barbante 40000
2. cédulas para o numero 195 78000
Despesas de administração 201000
Total das despesas 3188200

CONFRONTO

Entradas 3168200
Despesas 3188200
Saldo 100000